

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: Ana Luiza Pereira Lima e Ana Beatriz Francisco Moraes

Entrevistado/a: Otavio Pereira de Souza

São Paulo, 13 de maio de 2025

Duração: 1 hora e 8 minutos

Local de realização: Casa do entrevistado, Zona Norte de São Paulo

Ana Luiza: O senhor pode começar a falar seu nome, sua idade...

Otávio: primeiro o nome?

Ana Luiza: É

Otávio: Meu nome... pode?

Ana Luiza: Normal, só falar

Otávio: Pode falar?

Ana Luiza: pode. só ir.

Otávio: Meu nome é Otávio Pereira de Souza

Ana Luiza: Hã...

Otávio: Nasci em 25 de dois mil...

Ana Luiza: dois mil? (risos)

Otávio: é

Ana Luiza: mil

Otávio: mil

(silêncio)

Ana Luiza: O senhor quer... quer tentar voltar um pouco?

Otávio: pode ser

Ana Luiza: ta... ó

Otávio: a data é 2026. dois mil não

Ana Luiza: O senhor pode fazer assim ó: Meu nome é Otávio Pereira de Souza, aí o senhor fala só a idade que o senhor tem e fala a data de hoje e o eu autorizo. Hoje é dia 13 de maio de 2025.

Otávio: sim, mas se eu falar a data que eu nasci também é bom né?

Ana Luiza: se o senhor lembrar sim

Otávio: é eu lembrei

Ana Luiza: ta bom, lembrou. então pode ir

Otávio: eu tenho, vamo tirar a conta

Ana Luiza: (riso) hã

Otávio: eu sou de 36

Ana Luiza: hã. Eu sou ruim de conta. Quem é bom de conta aqui é o senhor. O senhor é que é engenheiro, eu so...

Otávio: mas cê não é boa de conta?

Ana Luiza: eu não sou não. Boa de conta é o senhor

Otávio: Eu sou de 36 então eu tô fazeno (silêncio) vo fazer 90... Eu sou ruim de conta

Ana Luiza: (riso) é a gente tá ruim de conta

Otávio: perai perai

Ana Luiza: hã

Otávio: eu sou de 36, janeiro de 36, tô fazendo... vo fazer 90 no mês de janeiro 90.. 95-91... 90 anos no mês de janeiro

Ana Luiza: ta vai fazer ano que vem, ano que vem vai fazer 90.

Otávio: 90

Ana Luiza: Então tá bom.

Otávio: E agora?

Ana Luiza: de novo. Seu nome, cidade, data de hoje e eu autorizo.

Otávio: Meu nome... eu posso falar?

Ana Luiza: pode, é só falar

Otávio: Otávio Pereira de Souza.

Ana Luiza: uhum

Otávio: Nasci em janeiro de 36 ... 25 de janeiro de 36...

Ana Luiza: hoje é 13 de maio de 2025. O senhor autoriza a gravação?

Otávio: Autorizo essa gravação.

Ana Luiza: ta. Podemos começar?

Otávio: pode

Ana Luiza: tá tudo certo?

Otávio: pode

Ana Luiza: ta bom. É... o senhor lembra onde o senhor nasceu? O lugar...

Otávio: eu nasci num lugar com nome de Amargozo, sertão da Bahia.

Ana Luiza: O senhor lembra o lugar? Como é que era a casa que o senhor morava?

Otávio: era uma casa de taipa, muito humilde e e eu fui criado, eu fiquei adulto sem pai e sem mãe.

Ana Luiza: e é

Otávio: eu perdi meu pai, minha mãe eu perdi eu tinha três anos de idade, e meu pai quando... eu perdi com trinta... 46 anos de idade.

Ana Luiza: O senhor tem irmãos? Quantos?

Otávio: eu tenho... nós somos, era em oito, mas já morreu quatro, tem quatro vivo. Pode falar o nome deles?

Ana Luiza: Pode falar, o senhor pode falar tudo. Quanto mais você falar melhor.

Otávio: o nome, o nome dos meus irmão que tão vivos é Isaura, Maria, Corino, Otávio que sou eu, que é o velhinho aqui.

Ana Luiza: o senhor, ahã

Otávio: e eu posso dizer que fui criado sem pai e sem mãe, fiquei adulto sem pai e sem mãe

Ana Luiza: O senhor sabe o nome dos seus pais?

Otávio: José Francisco de Oliveira, minha mãe Pereira de Jesus.

Ana Luiza: ta, entendi... é... vamos falar um pouquinho das casas que o senhor morou primeiro.

Otávio: eu fiquei o, depois uma pessoa me pegou pra, pra cuidar de mim

Ana Luiza: aha

Otávio: e essa pessoa sai da companhia dele com 21 anos (respira fundo).

Ana Luiza: hum... calma respira (silêncio) o senhor quer dar uma pausa?

Otávio: sai da companhia dele com 21 anos e...

Ana Luiza: Se o senhor quiser esperar um pouquinho, tudo bem. Quer uma água?

Otávio: e e a minha vida continuou sempre assim na casa dos outros, pessoas amigas e...

Ana Luiza: Se o senhor quiser esperar, a gente espera.

Otávio: eu não vou servir pra isso não... tem...eu...

Ana Luiza: tá bom, não tudo bem, a gente pode tentar de outro jeito, falar de outras coisas

Otávio: porque eu, eu fiquei como se diz, assim, desorientado né.

Ana Luiza: Entendi. Não, mas tá tudo bem.

Otávio: E eu não fiquei com a minha família que era meus irmão, que era os únicos que tinha.

Otávio: meus irmão e como o terceiro o... penúltimo filho...

Ana Luiza: é o mais novo quase

Otávio: Eu como penúltimo eu sofri muito e cheguei ao ponto de ficar adulto, graças a Deus. Só tenho que agradecer a Deus por aquela pessoa que cuidou... que cuidou de mim.

Ana Luiza: tendi...o senhor lembra o nome dele? ou não?

Otávio: hein?

Ana Luiza: o senhor lembra-

Otávio: Antônio Andrade e Dona Julia, foi meus pais na maneira de dizer, meus pais assim porque cuidou de mim e me deixou analfabeto. Eu sempre ia levar os filhos dele na escola e eu voltava pra fazenda né. E lá na fazenda eu ficava como um, como um escravo da fazenda ali, fazendo de tudo e ajudando em tudo na família. E quando era na segunda feira eu ia na, lá na cidade buscar os filhos dele que era um casal, ia buscar e voltar pra fazenda. Na segunda-feira eu levava de volta pra escola.

Ana Luiza: E eles eram o que vô? Esses, esse casal?

Otávio: esse casal era fazendeiro, pessoa que tinha fazenda, pessoa bem de vida né

Ana Luiza: ata, e isso aí era aonde o senhor nasceu, ou o senhor já era

Otávio: onde... já era em outro lugar.

Ana Luiza: Qual era o nome desse lugar?

Otávio: lá chamava... Cassilândia, estado da Bahia

Ana Luiza: a entendi. Aí eles eram donos da...

Otávio: eles eram dono da propriedade, e eu cresci nessa propriedade, sai com 21 anos desse lugar, e continuei vivendo na região ali e depois apareceu dona Aumi que é minha esposa, casei, sou pai de hoje é oito... sete filho vivo, que já morreu três quatro... já morreu quatro filho e eu tô aqui contando essa história que eu me sinto emo...emocionado de ta falando... (silêncio) sobre a minha vida.

Ana Luiza: ta...pode respirar, fica à vontade viu

Otávio: E às vezes a gente fala coisas assim que não dá nem pra entender porque...
(silêncio)

Ana Luiza: O senhor quer que eu pegue alguma coisa?

Otávio: Fiquei, como se diz, na casa dos outros. Fiquei adulto na casa dos outros e hoje eu sou um velho, vou fazer 90 anos e tô, graças a Deus tô com minha família adulta, meus filhos tem minha esposinha do meu lado ainda, com 83 anos, e meus filhos que abençoa por Deus, porque eu só tenho a agradecer a Deus pela família que eu tenho, minhas netas, meus, minha família né. Meus netos, todos que ta envolta de mim.

Ana Luiza: uhum (silêncio) o senhor quer que pegue um papel uma água, depende do senhor viu, pode respirar.

Otávio: e...

Ana Luiza: o vô

Otávio: eu não sirvo pra essas...

Ana Luiza: não, tudo bem, vamo devagar. O vô o que o senhor considera uma casa, pro senhor? O'Que faz uma casa ser uma casa de verdade pra se morar

Otávio: uma casa de verdade vai muito do propósito da pessoa e continuidade do que ele faz de bem, de bom pra ele, pra prosperidade dele e a família, pra mim é o meu caso. Eu sou um cara que só tem a agradecer a Deus por tudo...(silêncio) Por eu ser uma pessoa que fiquei adulto sem pai e sem mãe eu só tenho a agradecer a Deus por tudo na minha vida, e ter uma família maravilhosa, graças a Deus meus filhos minhas famílias é toda pessoas especial pra mim, graças a Deus e a minha vida ta como se diz, tá na mão do senhor, que já tô em idade e eu não tenho uma expectativa de viver mais nas graças de Deus, e junto de minha família. E é isso aí, eu só tenho a agradecer a Deus por tudo. E se eu não fosse, não tivesse tão emocionado eu tinha mais coisa pra falar, mas a gente fica meio, eu tô perdido.

Ana Luiza: não, tudo bem, ó

Otávio: eu tô perdido

Ana Luiza: vamo fazer assim, eu vou fazendo as perguntas mais tranquilas pro senhor ter tempo de se acalmar um pouquinho tá?

Otávio: uhum

Ana Luiza: Aí o senhor vai respirando, que já tá acabando, é bem pouquinho tá. Se o senhor quiser dar uma pausa, o senhor me fala, a gente dá uma pausa. Mas é só o senhor que vai falando aí se quer que pare, se quer que mude de assunto, se o senhor achar que tá ficando muito pesado pra você, tá bom.

Otávio: uhum

Ana Luiza: entendeu?

Otávio: Tô entendendo.

Ana Luiza: Então tá bom. Vamo falar da casa de novo, como é que era o lugar nessa época que o senhor morava nessa fazenda? Como que era o lugar?

Otávio: era uma fazenda assim, fazendo de criatório, eu passei a ser vaqueiro da fazenda, trabalhei assim quase como um escravo, porque a minha unica coisa era levar os filhos do meu patrão na escola, a cidade, porque tava na roça na fazenda. E levava eles, montados nos cavalinhos e ia buscar no sábado à tarde.

Ana Luiza: E quantos anos o senhor tinha mais ou menos?

Otávio: eu tinha 21... 22 anos

Ana Luiza: ah nessa época o senhor já tinha 22.

Otávio: tinha 22 anos.

Ana Luiza: Entendi. E como é que era o lugar que o senhor dormia.

Otávio: eu dormia numa caminha assim, numa caminha de vara naquele tempo, num quartinho separado pra mim, aquele quartinho que meu patrão separou aquele quartinho pra eu viver ali. E dali eles me dava alimentação, fui vivendo a vida.

Ana Luiza: o que que o senhor costuma comer?

Otávio: eu tomava muito leite, porque eu tirava o leite né, das vacas. Tirava muito leite, tomava muito leite e graças a Deus ele cuidou de mim bem, nessa parte aí eu só tenho a agradecer. Era um quarto muito legal, que eles fizeram, porque cuidou de mim. Eu passava muito nessa cidade e voltei a passar uma vida melhor (?)

Ana Luiza: entendi, e o senhor.

Otávio: e e a minha patroa lá, que era a dona menina lá, que eu já esqueci

Ana Luiza: tudo bem

Otávio: Ela cuidava muito bem de mim, porque eu tinha muito cuidado com os filhos dela também.

Ana Luiza: aha...

Otávio: E ela me agradecia muito, e quando eu saí, quando eles foram embora dessa fazenda, venderam pra outra pessoa eu fiquei mais um ano nessa fazenda, fiquei um ano mais. Ele vendeu pro cunhado dele e o cunhado dele era diferente dos meus costumes com o primeiro patrão

Ana Luiza: a entendi

Otávio: ele era bem diferente, aí eu fiquei com ele mais um ano, meu patrão foi embora pra Vitória de Espírito Santo, e me convidou pra ir com ele e eu, por ser analfabeto criado no mato...

Ana Luiza: aí o senhor ficou

Otávio: eu fiquei na fazenda...

Ana Luiza: aí depois dessa fazenda, aí não deu certo com esse cunhado...

Otávio: é, é, aí eu saí dessa fazenda, saí e fui pra outra fazenda, de outro fazendeiro.

Ana Luiza: Ainda na Bahia.

Otávio: na Bahia, tudo na Bahia.

Ana Luiza: tá e como é que o senhor fazia essa viagem? O senhor ia....

Otávio: eu ia a cavalo, que é a primeira coisa que trabalhei e comprei um cavalo

Ana Luiza: O senhor ainda sabe andar a cavalo?

Otávio: quem?

Ana Luiza: O senhor?

Otávio: Eu sei, é claro.

Ana Luiza: a então ta bom

Otávio: eu ia e levava o meu cavalo, era meu, que eu tinha comprado, tinha pagado tudo certinho

Ana Luiza: ele tinha nome?

Otávio: eu chamava ele de, de Piriquito. ele era bem legal, o cavalo.

Ana Luiza: (rindo)

Otávio: Eu chamava esse cavalinho de Periquito, e ele era muito bom e ele foi, ele é que me levou pra outra fazenda, vizinha da fazenda onde eu morava.

Ana Luiza: Entendi, aí era perto mais ou menos.

Otávio: era perto sim, era perto. Aí foi quando eu conquistei dona Aumi.

Ana Luiza: a então essa fazenda do lado já era do.

Otávio: Já era do finado Prinio, quero o avô de Aumi.

Ana Luiza: aaa

Otávio: cê entendeu?

Ana Luiza: agora eu tô entendendo

Otávio: pois é

Ana Luiza: tudo tá fazendo sentido, entendi

Otávio: pois é, essa fazenda era vizinha da fazenda do finado Prinio, que era o avô de dona Aumi.

Ana Luiza: a. Aí o que que o senhor lembra da fazenda do seu Plínio?

Ana Luiza: tudo que você puder me falar dela

Otávio: Da fazenda... é, eu fui valorizado nessa fazenda. Porque o Daniel Varish (?) que era o prefeito da cidade de Itaji mirim (?) esse cara me valorizava sim, pelo meu serviço né, que eu prestava um conselho isso e ele achava que eu era um cara legal, e ele me ajudava com alguma coisa. Às vezes me dava um presente assim, e me pagava com um salário lá embaixo.

Ana Luiza: mas era salário né

Otávio: salário que até que era bom, aquele salário mixado lá daquele tempo, e a minha vida continuou.

Ana Luiza: o vô, é, da fazenda do seu Plínio assim, o lugar físico mesmo, o senhor consegue me descrever como é que era? Como que era casa, como que era o lugar dos funcionários, como é que era a fazenda.

Otávio: lá tinha a fazenda boa, a fazenda tinha muita água, tinha rio que passava dentro da fazenda

Ana Luiza: uhum

Otávio: E tinha muito, muita fartura, grandeza assim de coisas assim, e ele era uma pessoa, prefeito da cidade lá, sabe como que é. Levava um dinheiro a mais e dava tudo certo. Depois esse Daniel Valish(?) Ele faleceu, aí já passou pra mão dos filhos, e eu já fiquei mais uns meses depois que ele morreu, eu fiquei mais uns meses. Aí foi quando eu consegui ser amigos dos filhos do finado Plínio que era os tios de Aumi, eu passei a ser amigo deles, o filho do que é tio de Aumi, o tio Deraldo

Ana Luiza: a tio Derado

Otávio: é tio Derado é, aí Derado me chama pra ir ficar na fazenda dele, fazenda vizinha né, aí eu fui pra essa fazenda de Deraldo, chamava... era... caramba... Biriba.

Biriba a fazenda, fazenda Biriba. E eu fui pra essa fazenda, lá foi quando eu consegui namorar dona Aumi. Aí já, aí eu já fui passar a ser chefe a, cê sabe a minha vida lá né?

Ana Luiza: Não.

Otávio: sai com ela (riso)

Ana Luiza: aa então é isso aí que eu queria saber, que história é essa de que era pro senhor casar com a prima?

Otávio: era pra casa com sua prima

Ana Luiza: minha prima mesmo não

Otávio: (rindo)

Ana Luiza: não sei o nome dela, o senhor lembra o nome dela?

Otávio: ela era Auminai

Ana Luiza: não

Otávio: quem?

Ana Luiza: o nome da prima

Otávio: A prima é.

Ana Luiza: a avó é Auminai, qual é o nome da prima que o senhor ia casar?

Otávio: não, mas eu ia casar com ela, com Aumi

Ana Luiza: a! A avó falou que o senhor ia casar com a prima dela e ela ficou com ciúme e foi ficar com o senhor

Otávio: aaa sim, eu namorava ela na época

Ana Luiza: aa, num era nada assim, não ia casar não

Otávio: não, não ia casar não, eu queria casar com ela

Ana Luiza: a, e por que?

Otávio: aí eu deixei, chamava Lindaurea essa menina, é prima dela lá, o nome

Ana Luiza: ah uhum, pode contar tudo desde que o senhor conheceu a vó, eu quero saber tudo.

Otávio: E aí foi quando eu conheci Aumi, ela era novinha, uma criança né, e eu já adulto, e a mãe de Aumi não queria que eu casasse com ela de jeito nenhum, na família ninguém queria.

Ana Luiza: por que?

Otávio: porque eu era negro, eu era um cara pobre um coitado na fazenda, trabalhava com os outros lá e eles tinham lá condições diferentes...

Ana Luiza: tendi

Otávio: aí nós, aconteceu de ela prontificar... sair comigo...

Ana Luiza: (rindo) fugiu né.

Otávio: e nós fugiu

Ana Luiza: (rindo) eu entendi, ela fala.

Otávio: cê sabia disso?

Ana Luiza: essa de fugir eu descobri depois de véia.

Otávio: pois é

Ana Luiza: tem uns dois anos que eu descobri que a vó fugiu.

Otávio: fugiu comigo.

Ana Luiza: que ela não falava que fugiu não, ela falava que casou e só

Otávio: ela casou

Ana Luiza: mas ela não falou de fugir

Otávio: Ela casou, mas ela saiu de casa comigo. Era onze hora da noite.

Ana Luiza: quem contou isso é uma senhorinha que chama ela de piaba

Otávio: é isso mesmo

Ana Luiza: lá perto da tia Nainha que ela contou que a vó fugiu de madrugada. de madrugada né

Otávio: justamente

Ana Luiza: e que todo mundo ficou doido que não sabia onde ela tava

Otávio: isso aí isso aí

Ana Luiza: e ela nunca contou pra gente

Otávio: pois é isso aí mesmo

Ana Luiza: aí como é que foi essa fuga?

Otávio: E aí ela, nós fugiu, passamo numa cidade com nome de Itapebi, pegamos um barco, um barco pra atravessar o rio.

Ana Luiza: aham

Otávio: tendeu, naquele barco nós atravessou pro outro lado, tinha um jipão parado do outro lado aí eu fui pra de onde eu saí pra ir lá pro Sul, cê ta entendendo

Ana Luiza: ah, agora sim

Otávio: E fui pra esse lugar que eu saí.

Ana Luiza: uhum, aí o senhor voltou

Otávio: Aí voltei pra Itapetinga.

Ana Luiza: recém casado

Otávio: não, namorado só, que só namorado que sai com ela.

Ana Luiza: mas é aí e a...

Otávio: Aí o meu patrão, o meu patrão que eu tinha lá...

Ana Luiza: aa sim, sim

Otávio: comunicou o tio dela, que era Zé Rocha.

Ana Luiza: é esse aqui?

Otávio: é esse aí

Ana Luiza: de roupa clara

Otávio: é esse aí, Tião, aí comunicou pro Zé Rocha que eu tava lá na fazenda, naquele tempo lá, que eu tava trabalhando na fazenda. Com acho que com doze dias ele foi lá. O Zé Rocha, foi só pra fazer meu casamento, obrigar eu a casar né.

Ana Luiza: E o que que eles falaram?

Otávio: falaram que eu tinha que casar e não sei o que, eu falei não, eu tô pronto pra casar, até o terno eu já tinha.

Ana Luiza: (rindo)

Otávio: cê entendeu, eu falei não, eu não quero explorar ela, eu quero é casar com ela, eu quero é ser o, o esposo dela. Falei pro Zé Rocha que era tio dela.

Ana Luiza: o vô só uma coisinha, quando cês fugiram, cês levaram o quê? Como é que foi essa organização pra fugir?

Otávio: Nós organizou, eu arrumei minha mala, que era um saco, era um saco (risos) de açúcar daquele tempo, e ela fez uma trouxinha numa bolsa lá, era uma bolsa la daquele tempo, era uma bolsa. Ela arrumou as coisinhas dela naquela bolsa, um par de

chinelo e eu, o que eu tinha, que eu era criado na casa dos outros, não tinha nada, tinha meu cavalo e minha roupa de vestir, minhas roupinhas né. Juntei meu cavalo eu vendi antes, que eu programei a fuga.

Ana Luiza: quanto tempo que o senhor programou pra fugir?

Otávio: eu programei, eu perguntei primeiro o que ela queria, qual era o papel dela que ela queria, que que ela queria de mim, ela disse aonde você eu vo.

Ana Luiza: e foi. e foi e tá aqui

Otávio: E tá aí até hoje.

Ana Luiza: aí, o senhor, aí foram buscar o tio lá pra casar vocês

Otávio: justamente, aí o tio mandaram, deram o endereço de onde nós tava, meu patrão que eu já tinha meu patrão lá pra onde eu fui, e aí o Zé Rocha pegou o endereço dele e foi bater lá, em Itapetinga. Chegou lá, chegou onde eu tava e falou Ó Otávio, eu vim fazer o casamento de vocês, porque vocês não pode viver assim, o Zé Rocha, né conhecia já muito anos, aí me pegou, me levou pra Itapetinga, em Itapetinga casei direito, certinho, tudo direitinho.

Ana Luiza: tudo certinho

Otávio: fiz meu papel de homem que eu podia ser um sem vergonha, mas eu não sou, não fui capaz de ser isso, tendeu. Casei, de papel passado, lá no Juiz.

Ana Luiza: tudo certinho

Otávio: num juiz chamava Zé Pain, o juiz, Zé Pain, que era um escrivão de lá e fez o casamento, e me desejou boa sorte, que cê tenha boa sorte, e graças a Deus tô aqui hoje.

Ana Luiza: e aí, depois disso, depois vocês ficaram nessa fazenda

Otávio: nós ficamos na fazenda do cara que ligou pra Zé Rocha.

Ana Luiza: aha

Otávio: ficamo nessa fazenda, de la Aumi ficou grávida logo, rapidinho ficou grávida, e eu vi crescer a barriguinha, depois o cândido Rodrigo, não eu minto tô esquecendo, aí eu vim trazer ela dá onde ela nasceu, da onde ela saiu.

Ana Luiza: aí voltou pra casa de voinha

Otávio: é veio pra casa de voinha, da onde que ela saiu na casa, veio daquela casa ali, da onde eu tirei ela, dali, ela voltou de lá e veio ganhar neném nessa casa.

Ana Luiza: a entendi. Aí foi o Tio Neto, né?

Otávio: ai, aí nasceu o Netinho e eu voltei pra prestar meu serviço lá.

Ana Luiza: aí o senhor voltou pra fazenda que tava antes ou pra da vó

Otávio: pra fazenda que eu tava trabalhando, Itapetinga.

Ana Luiza: aí a vó ficou aqui e o senhor ficou lá

Otávio: a vó ficou lá é, a vó ficou lá na casa da mãe.

Ana Luiza: Aí o senhor voltou pra fazenda longe.

Otávio: aí eu fui pra fazenda, aí quando Aumi ganhou nenê eu já programei tudo pra vir embora de volta, porque aí a poeira já tinha baixado né.

Ana Luiza: aha (rindo) aí já não tinha o que fazer;

Otávio: Os caras que queria me pegar já era... meu sogro, meu sogro não, meu sogro era uma pessoa que tinha muito conhecimento, essas coisas né, meu sogro não falou besteira. Agora tinha outros que falaram umas besteirinhas lá, aí ooo aconteceu de eu voltar pra casa de meu sogro, quando eu vim de Itapetinga, de lá de volta pra cá, fui pra dentro da casa dele.

Ana Luiza: Aí o senhor voltou pra lá.

Otávio: voltei

Ana Luiza: e aí ficou ...

Otávio: voltei pra onde eu sai e pra onde Aumi saiu.

Ana Luiza: voltou pra casa

Otávio: é.

Ana Luiza: pra gente começar

Otávio: é voltei pra casa

Ana Luiza: E como é que foi esse, que que aconteceu nesse primeiro ano aí com filho. Esse primeiro ano de casamento.

Otávio: o primeiro, o primeiro ano...o primeiro ano de casamento eu fiquei na fazenda do tio Deraldo, trabalhando, cê tá entendendo né, fiquei na fazenda trabalhando, aí trabalhando lá, tirava leite, prendia as vacas, fazia aquele movimento lá. Depois meu sogro comprou uma terra, terra sabe como é né.

Ana Luiza: uhum:

Otávio: foi, foi lá numa mata lá, foi mais eu procurar essa terra pra comprar, meu sogro Mauri, e fui mais ele tipo numa uma lá em um lugar longe assim uma mata, mata pura

mata pura, ma alguém comprou aquela fazenda, cinco alqueirao de terra lá, mato puro, puro mato, ave. E eu, e me entregou, falou tá aqui aí você procura produzir aqui dentro.

Ana Luiza: E era perto dessa fazenda a outra?

Otávio: e ela e ela ficou na cidade, a Aumi, ficou cá onde meu sogro morava

Ana Luiza: mas era muito longe?

Otávio: era uns doze quilômetro

Ana Luiza: Eu a entendi.

Otávio: Era longe, e eu fui pra lá, pro meio do mato, isso aí é uma história que vou lhe contar que você não acredita. Eu dormi no mato, dentro do mato, na mata, eu e dois cachorros que eu tinha.

Ana Luiza: misericórdia vô

Otávio: cê tá entendendo, dormia lá, pra mim era o céu ali, porque tava dentro daquela área de terra que eu, aí já comecei a trabalhar, derrubei mato lá, fiz aquele movimento lá de roça, e todos sábado eu vinha pra casa, pra cidade. E eu fiquei nessa daí uns seis meses, mais ou menos assim, indo e voltando até quando, aquela terra começou a produzir as coisas.

Ana Luiza: aham

Otávio: aí eu já vim, peguei Aumi e levei pra lá, pra roça. Depois foi meu sogro pra roça, Nainha, Nei, foi a família.

Ana Luiza: pra essa nova casa.

Otávio: pra essa nova casa que eu construí lá.

Ana Luiza: E como é que era essa casa que o senhor construiu?

Otávio: Ela era uma casa de Taipa, taipa é que cê faz nas varas assim na nos paus assim e bate um barro né, coisa de louco.

Ana Luiza: e o senhor fez sozinho

Otávio: aí e as graças de Deus, e nessa daí que meu sogro e minha sogra, que Deus tenha, (suspiro) aí eles passou a me valorizar, que não era o que eles pensavam, que eles pensavam que eu era um jogado.

Ana Luiza: tendi

Otávio: cê ta entendendo?

Ana Luiza: eu tô entendendo.

Otávio: que ninguém queria nem vê falar isso daí, mas graças a Deus eu produzi, e quando eles sentiram que eu era um homem de verdade, que era uma pessoa capaz, eles passou a me valorizar, e a me ajudar também. Porque ajuda do, do sogro, da sogra ter a gente como um filho. Um sogro de verdade tem um genro como um filho, depende do filho e eu fui um desses.

Ana Luiza: e aí virou essa família

Otávio: passou a me considerar que eu era um Deus na casa. Eu era tudo pra eles, pra meu sogro e minha sogra, eu era tudo. Pra Aumi não era tanto, cê tá me entendendo, ela era nervosinha, mas ela tinha razão mesmo. Mas a minha história é essa eu não posso contar tudo que rolou na minha vida porque num, vou perdendo já os sentidos.

Ana Luiza: éé ta bom. É o senhor quer encerrar?

Otávio: é da pra encerrar né?

Ana Luiza: ta, eu posso fazer mais, as perguntinhas finais então?

Otávio: Pode fazer ai, tem problema.

Ana Luiza: que é só o finalzinho. (som de folhas) Se o senhor, desse monte de casa que o senhor já morou, até né, até hoje, o senhor acha, o senhor sei lá, voltaria para alguma?

Otávio: não

Ana Luiza: O senhor tem vontade de voltar, nem que seja para olhar, pra ver por onde o senhor passou. O que que virou esses lugares...

Otávio: eu já voltei.

Ana Luiza: já

Otávio: numa parte. Voltei pra onde eu nasci, voltei pra Itapetinga da onde eu saí com dona Aumi, e já voltei pra essa área da roça que meu sogro comprou que eu construí. Já fui lá depois de, depois de tudo. E continua a mesma coisa, hoje eu passo na BR, vejo a fazendinha lá, a fazenda tá lá, só não tem mais o que eu deixei, porque já acabou.

Ana Luiza: Ta. É só falta mais duas perguntas ta, fazer mais uma. O que o senhor sente, ou que que o senhor lembra ou o que o senhor pensa quando a gente volta a falar dessa época da vida do senhor? Não só dessa época, mas fazer todo esse de, de lá de trás até agora. O que que o senhor sente?

Otávio: o que eu sinto? Felicidade.

Ana Luiza: felicidade?

Otávio: pelos meus princípios, muito feliz por tudo, Graças a Deus.

Ana Luiza: E agora a última...

Otávio: por tudo o que eu passei, eu só tenho a agradecer

Nalu: auhum. é e agora a última é assim, eu quero que o senhor pensei um pouquinho, pode respirar. É se tem alguma coisa que o senhor gostaria de dizer pros seus filhos, pros seus netos e agora pros bisnetos, né. Que agora tem bastante, tá vindo muito, não para de vim. Se tem alguma coisa que o senhor gostaria de falar pra eles que o senhor nunca falou. E agora é a sua chance de falar. Pode pensar com calma, e falar.

Otávio: olha o que eu tenho de dizer pra minha, minha família no geral, filho neto, todos que quiserem ouvir: sejam honestos com as pessoas. Honestidade. Caráter, ter moral pra falar com a pessoa de frente, cê entendeu? Falo pra você que é minha neta e falo pra qualquer um que tá dentro de mim isso aí. A minha conduta foi essa, ser honesto com as pessoas e, e tem mais coisa que a gente deseja pra família é, é viver bem. Viver na paz, viver consciente da, da, da vida que ele leva, sempre pedir a Deus pra não fazer coisas que não bate com a realidade, é o meu desejo é esse. Isso pra qualquer um, não só minha família, passo pra qualquer pessoa porque eu tenho moral pra falar isso, porque graças a Deus sou honesto, com todo mundo. Nunca fui desonesto.

Ana Luiza: entendi

Otávio: cê entendeu?

Ana Luiza: uhum

Otávio: e meu caso é isso aí, aí você pode encerrar.

Ana Luiza: então tá bom, muito obrigada viu vô

Otávio: tá bom fia

Ana Luiza: desculpa aí

Otávio: desculpa eu chorar tanto...

Ana Luiza: não

Otávio: eu sou muito fraco

Ana Luiza: o senhor é emotivo, senhor tá é certo

Otávio: sô muito fraco porque eu, pelos meus princípios

Ana Luiza: aham

Otávio: eu fui um....

Ana Luiza: não, mas tá tudo bem, desculpa viu, ficar mexendo com essas coisas.

Otávio: eu sofri muito

Ana Luiza: eu imagino vô

Otávio: e passei certas provações que só Deus sabe, nem Aumi não sabe, tendo um cara que ficar sem pai sem mãe, e, e uma criança como se diz, com meus irmãos, os mais velhos tinha doze anos, o mais velho, e deixa nós que era mais jovem tudo pra traz aí. E, e quando eu lembro aqui, nessa caminha aqui, eu agradeço a Deus, por tudo na minha vida, porque como eu comecei não era pra eu tá contando história hoje, mas Deus é tão justo que eu tô aqui contando.

Ana Luiza: amém

Otávio: Você tá entendendo, né. Que a gente naquele tempo, cê não sabe o que é sofrimento. Naquele tempo, ficar numa casa que quem passava no dentro do mato assim, via a gente dentro de casa. Que era tudo cheio de buraco assim, que nós era pobre, pobre, pobre, pobre, pobre que não tinha mais pra onde, não tinha igual. E meu

pai morreu e deixou nós naquela pobreza, que meu pai também era trabalhador, mas o que ele fazia não dava, num dava, naquele tempo não, não dava pra nada.

Ana Luiza: o vô, e seu pai? Não tinha família? Assim, gente perto, ou ele também era sozinho.

Otávio: ele tinha, ele, ele era, ele tinha os parente dele, mas os parentes dele morava longe. E lá, no meu tempo lá, quando a gente era criança, os parente não queria saber de ninguém não.

Ana Luiza: entendi

Otávio: não tinha, até os melhor, nem um bom dia do irmão, acho que não queria. Naquele tempo, hoje é diferente. Hoje eu cheguei na casa dos meus irmão lá na Bahia, quem chegar elas abraçam, não tem aquela ignorância daquele tempo, e eu... eu tenho história e eu não seguro muito, mas tem coisa que só por Deus, só Deus sabe.

Ana Luiza: não a gente vai... tempo ainda

Otávio: porque aquele tempo ali, eu, a situação era, era, quando eu perdi meu pai, minha mãe morreu de parto, a menina tá, acho que com 88 parece, é Polina, está com 88 ano, E quando eu olho pra trás assim que eu lembro, quando meu pai faltou e minha mãe, e nós ficou aquele rebanho de criança, sem ninguém pra cuidar de nós. E sem saída porque nós não tinha nada, comia raiz de pau assim, hoje eu vejo essa grandeza (chorando), hoje eu vejo essa grandeza que a gente tem, graças a Deus (silêncio). Quem passou o que eu passei, o que eu passei não o que nós passamos, eu e meus irmãos, só Deus sabe, nós é sobrevivente, nós ficou sem nada sem nada sem nada, até a casa era esburacada assim, nós ficamos ali, dava a noite, com bicho. Às vezes tinha um, cê não sabe o que era, tinha um, minha irmã cozinhava, a minha irmã mais velha tinha 12 anos, já morreu, ela fazia, pegava três pedra e botava assim e botava aquela panela de barro, pra ferver aquela água ali, que só tinha água pra ferver, depois ela tinha uma hortinha assim no fundo da casa, e ela pegava aquela cebolinha, foia de cebola, e cortava assim cortadinho, bem pequenininho e, botava dentro daquela água pra ferver. E pegava um ovo, um ovo de galinha, quando a galinha botava, quando não botava nós ficava correndo atrás dela pra ela botar, forçando ela sabe num sabe. Quando ela botava, minha irmã pegava aquele ovo, quebrava naquela panela d'água. Só água e sal e aquelas folhinhas de cebola, e misturava um pouco de farinha, quando tinha farinha, né, misturava naquele pirão d'água assim e ela dividia pra nós.

Ana Luiza: Vocês eram em quantos mesmo?

Otávio: hum?

Ana Luiza: Vocês eram em quantos?

Otávio: nós era em oito, oito, oito irmão

Ana Luiza: ata, entendi.

Otávio: já morreu quatro, tem quatro vivo.

Ana Luiza: uhum.. e aí eles tão aonde?

Otávio: e tem eu contando a história. Talvez os outros meus irmãos podem ter vergonha de falar isso, você que é jovem, é criada, bem criada, bem cuidada, eles têm vergonha de falar, mas eu não tenho.

Ana Luiza: mas tem que falar

Otávio: Eu tenho orgulho de dizer aquilo que eu passei.

Ana Luiza: uhum

Otávio: e eu fui, isso foi, meus irmãos, nós passou uma vidinha muito... pra mim hoje, graças a Deus, ter uma família, ter tudo, um cara desses pode dizer que é feliz né, eu sou feliz

Ana Luiza: cê é feliz

Otávio: Eu sou feliz, graças a Deus. Não sou decepcionado pela minha família em nada, graça, meu senhor. E a minha vida, fia, a minha vida é, a minha vida, eu tenho história. Aumi não do meu passado, porque ela foi me conhecer depois de já meus vinte e tantos

anos já de idade, mas eu passei uma vidinha, vidinha, eu e meus irmãos lá, que nós era um rebanho lá de criança, foi assim, no meio do mato assim. Vô lá, onde eu nasci, já levei Nei lá, onde eu nasci, numa cama de vara, tá lá. Pra quem quiser ver, é só chegar lá vê aquele monte, tinha aqueles adubão de terra que cês não sabem nem o que é. É que era as paredes, ela caiu assim ó, ela foi dimulindo e tá lá aquele morrão de terra cá no chão assim, onde eu nasci. Eu nasci ali.

Ana Luiza: e ficou

Otávio: E passei lá mais Nei e mostrei ó nei eu saí daqui, tendeu?

Ana Luiza: uhum

Otávio: e, e tanta coisa assim, daquele tempo que eu lembro assim do que eu passei, do que nós passamo, eu não, nós, eu e meus irmãos. Pois graças a Deus, cê chega lá ó tudo tem tudo, casa cheia, casa cheia, casa boa. As casona bonitas, cê vê assim, aquela grandeza que lá é hoje, coisa, coisa que não dá nem pra acreditar, como nós saiu dali. Eu vim embora, quando fui adulto, casei já, tinha casado já tava bem. Sai já, com, já tinha filho já, vim embora pra um lugar abençoado pra mim, e só tenho a agradecer, porque se eu não tivesse nada ainda ia ficar sofrendo ali com a família, mas Deus me deu a inteligência, a coragem e falei vô pegar um destino aí. E falei pra família, fica aí que eu vou dar um forinha aí, foi fiquei oito meses aqui em São Paulo, conheci São Paulo, uma parte, eu vi como é que era São Paulo. Aí voltei pra lá, com três anos eu já vim embora, com Aumi, e meus filhos. Daí como cê sabe que nós tamo tudo aqui,

Ana Luiza: uhum

Otávio: tem um cachacerinho ao menos...

Ana Luiza: é um ou outro, tá tudo bem

Otávio: mas tá tudo bem, graça meu senhor, meu pai, só tenho a agradecer.

Ana Luiza: calma.

Otávio: porque como eu saí de lá, com a com só a raça, a coragem e aquela fé que eu tinha que eu devia sair daquela situação, que la nós começamo a ter bem lá, mas depois nós foi, meu sogro meteu em dívida, virou aquela fazenda dele, aquela fazenda dele virou de cabeça pra baixo. O que eu fiz lá dentro foi dimulido. Que meu sogro vendeu a fazenda, e não deu nada (palma).

Ana Luiza: e, e a do senhor?

Otávio: hein?

Ana Luiza: aquela terrinha do senhor? Aí o senhor vendeu também.

Otávio: não, não vendi nada de lá não.

Ana Luiza: não

Otávio: nada

Ana Luiza: Aí o senhor só veio.

Otávio: só sai fora de lá.

Ana Luiza: aa entendi

Otávio: Porque a terra não era minha.

Ana Luiza: a

Otávio: cê me entendeu né

Ana Luiza: não agora eu entendi

Otávio: terra era do meu sogro, tava tudo no nome dele.

Ana Luiza: aaa ta

Otávio: depois tem os empréstimos, empréstimos no banco pra criar porco e criar os bichos, as vacas. Mas a área lá era seca, não produzia capim, era um lugar sequeiro né. E daí meu sogro entrou numa dívida, e aí teve um cara que era um fazendeiro lá, e meu sogro tava condenado pela, pela dívida. Aí meu sogro abriu mão de tudo, até o que eu tinha, alguma coisa que eu tinha lá dentro...

Ana Luiza: aham foi

Otávio: foi com ele, aí vim pra cidade de Eunápolis, vim pra cidade mais, já com os filho

Ana Luiza: uhmm, quanto, o senhor lembra quanto que já tinha

Otávio: quatro

Ana Luiza: ta

Otávio: quatro filho, vim pra cidade, aí fiquei mais um ano, um ano e pouco na cidade ali. Que eu costumava trabalha assim como um louco, e ficava ali, e falei vou sair vou dar um jeito, Deus deu uma pois na minha cabeça, e eu vim pra São Paulo. Fiquei oito meses aqui em São Paulo, sozinho. Fui lá para Santo Amaro, que era Zé Rodrigo, que tio de Aumi morava lá, e fiquei aqui trabalhei oito meses. Oito meses eu peguei um dinheiro, um dinheirinho que eu consegui.

Ana Luiza: O senhor trabalhava aqui com o que, vô?

Otávio: eu trabalhava como eletricitista

Ana Luiza: eletricitista

Otávio: é na rua, a alta tensão, com oito meses, numa firma... chamava gouveia, a firma, não tem mais ela, ela faliu. Aí ele me pagou certinho, o osório que era o gerente, pagou certinho e falou: Vai com Deus, se cê voltar um dia aqui, cê vem aqui.

Ana Luiza: aí o senhor foi pra Bahia, pegou todo mundo

Otávio: fui pra Bahia, já fiquei lá, um ano e pouco lá na Bahia, pois arrumei as malas e vamo embora.

Ana Luiza: aí vieram

Otávio: viemo, viemo embora pra aqui, aí eu fui pra, morei ali no Sítio dos coqueiros, casa de meu compadre, já morreu, morreu esses tempos aí é

Ana Luiza: a avó falou

Otávio: é, viemo praí, e daí, daí eu vim pro Piqueri, foi pra qui pro Pão de mel. Fiquei um ano e meio no Pão de Mel, trabalhando, sempre trabalhando, nunca fiquei parado.

Ana Luiza: O senhor trabalhava como que nessa época?

Otávio: Trabalhei de lixeiro, comecei de lixeiro. Depois que eu vim da Bahia pra cá, antes era eletricista

Ana Luiza: aha

Otávio: da primeira viagem, aí fui pra coleta de lixo, aí minha vida, comia bem, a família toda com a barriguinha cheia, os meus filho... trazia tanta coisa que eu ganhava, que eu era muito esperto assim, ligeiro né. O povo gostava do meu serviço.

Ana Luiza: aí o senhor, aí nessa época o senhor já tava tendo um lugar só de vocês ou ainda tava morando com o amigo.

Otávio: morando de aluguel,

Ana Luiza: atá, lá no Piqueri

Otávio: morando de aluguel no Piqueri

Ana Luiza: aí

Otávio: no Piqueri, pintou esse terreno aqui

Ana Luiza: como é que era aqui?

Otávio: aqui era, pelo amor de Deus, era só tinha um caminho. Não era nem uma estrada, era um caminho, um caminhozinho dentro do mato assim, um corredorzinho dentro do mato. Eu vim do Piqueri, Deus aguiou meus passos pra cá, aí morando no Pão de mel, descobri esses terrenos aqui. Aqui agora é invasão, era uma invasão, e o cara que invadiu aqui, esse lado daqui era da Bahia. Valdir

Ana Luiza: ah, Valdir? Seu Valdir?

Otávio: é, você lembra dele

Ana Luiza: conheço pelo nome, toda história tem o seu Valdir no meio

Otávio: ele invadiu, ele invadiu, aí eu vim, comprei dele, essa área aqui. E hoje eu tô aqui nas graças de Deus e só tenho a agradecer a Deus.

Ana Luiza: o avô, mais uma coisa. Essas fotos daqui, é daqui do Fontalis?

Otávio: não, essa é tudo da Bahia. Ah, essas é daqui, é tudo daqui ó.

Ana Luiza: aqui cê já tem os seus filhos

Otávio: essa aqui é, chamava Doutor... esse aqui é o... eu esqueci o nome. Esse aqui é Zé Lolo, esse aqui é... é o padrinho de... o padrinho de quem delas?

Ana Luiza: peraí deixa eu ver minhas fotos, ó essa foto aqui ó.

Otávio: a é o padrinho de, de...

Ana Luiza: essa que tá os dois com a camisa do Palmeiras, é o Gão e o Dinho né?

Otávio: é, aqui os bonitinho aí ó, olha aí ó, tá tudo aqui ó, ó o tanto de menino que eu já tinha, ó o monte aí ó.

Ana Luiza: aham... essa aqui é a Duda?

Otávio: Duda

Ana Luiza: e essa aqui é minha mãe né?

Otávio: é

Ana Luiza: aaa ta.

Otávio: Oiá elas aí, e aqui os outros ó, e aqui os outros

Ana Luiza: tem uma que tem o tio Marivan que ele ta com a cara assim, igualzinha à de Giulia.

Otávio: é aqui né?

Ana Luiza: não acho que tá mais pra traz. Tem uma que ele ta assim a cara, a cara igualzinho de giulia. acho que eu não vou achar

Otávio: na cês tem a (?) mesmo

Ana Luiza: aqui ó.

Otávio: ó aí (riso)

Ana Luiza: ele tá a cara da giulia e do Matheus

Otávio: a cara do nego aí, esse cê vê

Ana Luiza: ele dá pra ver de longe.

Otávio: o cabelo

Ana Luiza: o cabelo dele tá sempre assim

Otávio: pois é fia, esse aqui, essa raça aí ó

Ana Luiza: aí isso aqui é tudo daqui?

Otávio: aqui é tudo, aqui é festa, agora a geração de Otávio tá aqui ó

Ana Luiza: essa primeira fileira toda é os fios de Otávio e a vó, com mais dois

Otávio: é a vó era nova nesse tempo, tinha mais.

Ana Luiza: o vô, aí o senhor veio pra cá e aí, teve um tempo que tacaram fogo? Aqui quando era terreno

Otávio: é.

Ana Luiza: pra ocupar, o pessoal não tacou fogo?

Otávio: não, derrubaram a, derrubaram a, foram derrubando assim, os as maiada ne, botava fogo, foi limpando a área. Quando eu comprei aqui, aqui só tinha uns eucalipto, aí eu já arranquei tudo e, tá tudo aqui embaixo enterrado. ali embaixo ali ó.

Ana Luiza: a. E qual foi ali, que tem essa casa aqui que tem várias casa né?

Otávio: é tem, a tem

Ana Luiza: quem que veio primeiro?

Otávio: a que eu construí?

Ana Luiza: é, a primeira casa que o senhor construiu

Otávio: a primeira casa que eu construí, foi a lá embaixo, a la embaixo ali

Ana Luiza: a pequeninha ou a do fundo.

Otávio: a do fundo, a essa do fundo, a primeira casa.

Ana Luiza: ta, que tem esse quintal aqui.

Otávio: eu não morei lá

Ana Luiza: ha

Otávio: eu não morei lá.

Ana Luiza: não?

Otávio: eu, primeiro de tudo eu fiz um barraco aqui onde é essa casa aqui ó

Ana Luiza: do quintal

Otávio: é, do quintal aí. Um barraco de tauba. Foi daí de onde nasceu tudo aqui ó.

Ana Luiza: uhum

Otávio: aí eu fui trabalhando pros outros e de sábado e domingo e de noite eu tava aqui dentro.

Ana Luiza: E aí o senhor construiu tudo?

Otávio: Fiz isso tudo aqui, passaram pelas minhas mãos e pelas forças que Deus me deu.

Ana Luiza: E aí, primeiro foi o barraco.

Otávio: primeiro o barraco

Ana Luiza: aí depois

Otávio: depois a casa de baixo, foi quando Nei casou, a de lá de baixo. Ne casou, e nós morando aqui ó, no barraco. Aí Nei casou, aí comprou o material e, e já comecei lá embaixo, sem saber de nada, fiz uma vigona lá e, e botei a casa dele e tá aí até hj

Ana Luiza: cheia de viga (rindo)

Otávio: E isso o tanto de casa que já tem aí em cima.

Ana Luiza: e não para de subir né, a casa está subindo

Otávio: Tô lhe dizendo. E eu, Maurilo já era vivo, já andava aqui, me admirava, que eu, eu não sabia de nada de construção. E me via, eu vindo da Bahia, assim sem conhecer nada e chegar a construir, ele achava assim que era coisa de outro mundo.

Ana Luiza: Eu acho de outro mundo. Eu não entendo, eu não sei como é que é que o senhor construiu uma casa.

Otávio: eu construí

Ana Luiza: eu não consigo botar um tijolo em cima do outro

Otávio: eu construí e tai pra quem quiser ver. Graças a Deus, senhor. Na força, na raça, na coragem.

Ana Luiza: Como o senhor aprendeu a construir casa?

Otávio: é...

Ana Luiza: só, só

Otávio: cabeça né

Ana Luiza: ah

Otávio: Eu planejei. Apelei pra Deus, que Deus pra mim foi tudo e é tudo na, até o último suspiro. Pelo que Deus me deu lá o direito de viver, e fale com fé em Jesus Cristo, eu vou construir uma casa pra eu morar. Comecei a de Nei lá embaixo, Nei casou, fiz a de Nei. Da de Nei, cavei a terra de lá até aqui.

Ana Luiza: aham

Otávio: o porão foi incluído com a casa de Nei,

Ana Luiza: aa, então é isso

Otávio: Aí eu vim cavar pra cá. Quando eu sai lá na rua, terminei o salão e abri tudo aqui, eu botei as mãos pra cima, agradei, nas graças de Deus. Tá aí até hoje.

Ana Luiza: e foi tudo construído

Otávio: e vou morrer e vou deixar aí, com fé em Jesus Cristo

Ana Luiza: amém

Otávio: entendeu? Trabalhei muito, muito. Eu era, parece que era uma coisa, chegava aqui em casa tava todo mundo dormindo. Eu que chegava da coleta de lixo, tirava aquela roupa e metia a cara na terra aqui.

Ana Luiza: minha mãe falava.

Otávio: e lata

Ana Luiza: Minha mãe dizia, foi dessa vez que, o senhor já era gari quando o senhor pegou, acho que foi o Bil. Não foi o Bil que não tomava banho?

Otávio: Bil, o Bil (risos dos dois) quando eu era gari. Cheguei, Bil sujo.

Ana Luiza: aham

Otávio: todo sujo aí, e eu olhei assim e vou dar um cacete nesses filha da mãe, e foi um que viu.

Ana Luiza: Uhum, não foi que o senhor ele e botou num túnel, foi?

Otávio: é, joguei dentro d'agua. enfiei o cara lá

Ana Luiza: pra ele tomar banho

Otávio: o, o, tem história. O meu começo aqui só Deus sabe, porque o cara trabalhar o dia todo, na correria atrás dum caminhão de coleta de lixo. Comecei de dia, depois passei pra noite, e sendo ativo aqui, não parava. E comecei dá lá de baixo, do morro de baixo, comecei de lá pra cá. Pra mim, quando eu sai lá fora na, na rua, já tinha asfalto...

Ana Luiza: Já?

Otávio: já, quando eu fiz o salão aí, já tinha asfalto aí. Aí eu olhei pra trás assim e falei como Deus é bom pra mim viu. Cara que veio da Bahia, sem nada, nada nada, só a mulher e os filhos. E Deus me deu esse direito de fazer uma casa, e construí, comprei e paguei, não peguei nada de ninguém. Quatro mil, ganhado na coleta de lixo, ganhado na coleta de lixo. Fui segurando, aí compadre olhou pra mim e falou, olha tem uns terrenos lá, vamo lá. E graça, meu senhor, tô aqui. deixei tudo.

Ana Luiza: do jeitinho que tá tudo bonito, que o senhor sempre quis?

Otávio: é, hoje eu só tenho a agradecer... oia eu não...

Ana Luiza: agora é só aproveitar? A redinha lá fora...

Otávio: graças a Deus.

Ana Luiza: um radinho

Otávio: é, eu não tenho nada que fazer, nada, nada, nada. Só tenho a agradecer. em todo santo dia eu tô com as mão pra cima agradecendo ao senhor, agradecendo a Deus por tudo. Quando eu sento lá fora, na rua e olho pra cá. Como eu comecei aqui eu lembro, até eu hoje eu vejo uma casa, feita pelas minhas mãos, só tive os genro pra me ajudar a manter as lajes. Só. Não paguei pra ninguém, pra Deus me dar inteligência e fazer o que eu tenho aqui. é força de Deus mesmo. E tem gente que ainda acha que eu, não sou aquilo que eu mereço, que o ser humano é isso, muitos falam, mas Deus sabe bem... o porquê eu tô aqui, contando essa história pra você. E o que eu tô dizendo aqui é real,

num tem, num tem mistura, é justamente meu começo. E trabalhar sem comer, sem marmita, não levar nada, e bancar ali só. Como já cansei de fazer, de sair e não deixar nada nem aqui em casa e levar pra comer.

Ana Luiza: uhum

Otávio: E eu contar essa história que é inacreditável. Quem vai acreditar, aí com a força de Deus, logo minha vida foi mudando pra melhor, já tinha comida, sobrava comida, arrumei um fi de Deus ali no Piqueri que me vendia as coisa fiado pra pagar quando eu recebesse. Comprava logo o saco de feijão, sacão, comprava um saco de arroz... E os bichinhos era só

Ana Luiza: só comendo

Otávio: isso, e, e (som de palma) e estudando os bichinhos, ia pra escola, tudo de ligeiro, começaram a trabalhar tudo novinho, porque graças a Deus até nisso, Deus foi é muito justo pra mim. Os meus filhos começou tudo novinho, tinha dia que eu olhava assim e falava, ai meu Deus (silêncio) e eu, eu sou, eu sou uma pessoa que só tem a agradecer, num, num quero nada. Tudo que Deus me deu pra mim é de mais, porque dá onde eu vim, da onde eu parei. E tô com vinte e tantos anos sem fazer nada, num trabalhei mais. Só uma coisinha, limpando ali, fazendo...

Ana Luiza: é fazendo as coisas daqui né.

Otávio: me segurando né

Ana Luiza: que toda hora o senhor tá em cima de um telhado, em cima de alguma coisa.

Otávio: é, eu arrumo alguma coisinha aí, ou, que eu preciso fazer e ainda posso fazer eu faço.

Ana Luiza: mas o senhor.

Otávio: só que agora eu já tô bem distanciando do serviço. Eu tomando medo, porque eu tô sentindo as pernas, minhas pernas não tá boa.

Ana Luiza: mas o senhor acha que o senhor tá podendo aproveitar agora? Tá aproveitando agora essa fase?

Otávio: Bem, tô aproveitando, tô. Tô porque não me falta nada.

Ana Luiza: tá viajando, tá aí com o tio Nei quase todo ano.

Otávio: viaja, às vezes tem quem cuida de nós e de mim, da mãe, d'ajuda. Posso pagar o salário pra ela, o salário que ela exigiu, pago certinho, nunca atrasei um dia. Isso pra mim é uma benção de Deus. Até meu cartão de aposentado já passei pra ela, falei é seu, cê vai receber esse dinheiro que é seu, e pra mim ficar, ficar de boa né.

Ana Luiza: tendi

Otávio: aí tô usando meus bem aqui, do o dinheiro pra fazer as compra, graças a Deus...

Ana Luiza: só...

Otávio: e tô aí,

Ana Luiza: aproveitando

Otávio: ouvindo conversa furada ali na rua.

Ana Luiza: uhum, que lá vai, a cadeirinha já tá lá

Otávio: é só pra gente vê, e eu tô aqui, nas graças de Deus.

Ana Luiza: entendi

Otávio: cumprindo tabela, tô cumprindo a minha.

Ana Luiza: é que agora é hora de aproveitar meu vô, trabalhou muito

Otávio: é, trabalhei, trabalhei

Ana Luiza: agora é, cuidar dessas crianças...

Otávio: eu acho que quero dos meus filhos, que reconhecem assim, de coração, que me reconhece o que eu fiz, é o Nei. Porque o Nei eu te falo, ele é um cara que me valoriza muito, aonde ele vai e conta história, dos princípios, como é que começou a trabalhar, o que é que eu fiz com ele pra ir lá aprender a desenvolver a vida dele, eu ajudei todos, ensinei. Falei, ó gente, o negócio é trabalho e prosperidade, falei pra todos, até o Gao tá fora, não é porque quero que ele tá fora, eu queria que ele tivesse trabalhando, tá aqui, com já, com o direito dele de viver bem, mas ele não quis.

Ana Luiza: ele tá aprendendo

Otávio: e não proveito, porque tinha toda a oportunidade, morava na casa, sem pagar nada, a mãe lavando, e eu dando tudo, não faltava nada pra ele. pra ele.. pra nada pra Nei, pra ele, pra ele prosperar, conduzir a vida como os outros, mas ele não quis.

Ana Luiza: uhum

Otávio: Mora de trabalho empregado fora, ninguém nem sabe como é que ele vive lá, mas eu não posso fazer nada. Briguei muito com ele, pra ele mudar o jeito dele, mas hoje ele tem 49 anos, eu não tenho nem direito de falar mais nada com ele sobre isso, mesmo assim eu ainda dou umas cutucadinhas, pra ver se ele entende.

Ana Luiza: o vô, posso fazer uma pergunta, agora que o senhor tá falando dos seus filhos? O senhor acha que o senhor, foi um pai, como o senhor acha que foi pai, pros seus filhos assim? Pra todos eles. O senhor acha que o senhor foi muito duro, foi muito...

Otávio: Oia eu, eu fui ignorante com meus filho, porque eu falava o que era certo pra eles, partia pra cima e dava conselho, até batia. Eu fui um cara assim, agora hoje eu reconheço tudo, tudo que eu fiz valeu muito, mesmo com a ignorância. Valeu muito

porque eles, eles foi, eles desenvolveram. Porque no tempo que eles eram solteiros, Luiza, se eu fosse aquele paizão de a ta tudo bem, como muitos tem, cê sabe né, não liga. Tá tudo bem, tava tudo aí com a cara pra cima. Tenho certeza disso, porque eles queria entrar nessa. O Marivan, o Bil, o Gão, o Nei. Foi o primeiro que começou a trabalhar, foi Nei.

Ana Luiza: aha

Otávio: o mais.

Ana Luiza: que foi o que ficou mais independente.

Otávio: o que mais entendeu e o que mais custou a andar foi Nei, também, cê entendeu?

Ana Luiza: uhum

Otávio: e começou a trabalhar novo e prosperou, desenvolveu a inteligência dele, o Nei é o cara, graças a Deus ele tem a vida dele suave, tranquila.

Ana Luiza: vô, agora pra deixar o senhor em paz, né, que o senhor já tá muito emocionado, o senhor já falou eu te amo pra algum filho seu, ou o senhor acha que precisa falar ou não precisa? Cê acha que eles sabem...

Otávio: falar pra eles se, se, se eu te amo meu filho?

Ana Luiza: é, o senhor acha que o senhor precisa falar... ou você acha que eles já sabem?

Otávio: E eu acho que eles sabe né, eu não falo pra eles não. Eu falo eu te amo não, eu não falo não. Eles me conhece que eu gosto deles, abraço eles, eles eu não sou aquele pai que, às vezes vem um filho... tem pai que é como um cavalo. Eu não sou desses, eu sou aquele pai que conversa com eles, sorri com eles, às vezes eles vêm contar algumas coisas que não pode contar pra mulher deles, cê tá entendendo?

Ana Luiza: uhum

Otávio: não pode contar as vezes pro filho deles. O Nei mesmo, ele me conta as coisas, o passado dele, já conversou muito comigo sobre isso, e eu alimento ele. Adoro ele, cê segue o que for bom pra você meu filho, segue o seu caminho, cê não entre em desespero por nada. Marivan mesma coisa, quando ele ficou, tinha umas mulher aí que ele ficou meio doido um tempo, porque separou de uma, e chegou aqui chorando. Falei, rapaz seja homem, mão pra cima, a casa, o barraco é nosso aqui ó, cê fica de boa aí, não esquentar não. Cê tem seu trabalho, cê é trabalhador, e eu, graças a Deus arrumou essa Marina que até hoje, só tenho a agradecer a Deus por ter botado ela na vida dele.

Ana Luiza: uhum

Otávio: que ele tinha as outras mulheres, duas, mas era tudo, era briga aí, não podia ser assim.

Ana Luiza: E as suas filhas?

Otávio: as filhas, graças a Deus. Eu não posso dizer nada das minhas filhas, porque tudo honesta, trabalhadeira, é pessoas do bem, é pessoas que pensam o que fala, pra mim é tudo. Porque você saber que tem uma filha, um filho, você chegar, você vê um cara falando da vida, e eu escuto falando da minha família, mas do bem. Falando que é do bem, que minha família é isso ali, é aquilo, de bom. E eu só tenho a agradecer, porque muitos cara o pai tá de longe, mas tem um filho falando do pai, ou ou, ou outra pessoa falando dos pai do filho. Cê sabia o que é né...

Ana Luiza: aham

Otávio: E eu não, eu converso aqui com meus amigos, não sou cara de viver na casa dos outros, de porta em porta. Eu sou cara assim, bem diferente de muitos, penso tão bem aquilo que eu posso falar fora, eu sou aquele ignorante que tem conhecimento, que muitos que tem tudo na vida, sabedoria não chega a esse ponto Gosto de respeitar o direito de todo mundo, todo mundo pra mim é igual, não tem negócio de querer, dizer não, nem isso nem aquilo, que fulano é miserável, fulano é isso e aquilo, não. Eu vejo coisa aqui na rua, que eu fico estarrecido, e tenho dó de ver pessoas como eu vejo aí. Eu sinto, que é aquilo que, é tão bom a gente andar... ser organizado, ser limpo, ser organizadinho. Não viver na vida de cão que esse povo vive aí, cê vê. Às vezes é uma pessoa até boa, mas entrou numa dessa.

Ana Luiza: uhum

Otávio: e eu vejo muitos, aí. Aí eu fico pensando, no meu caso, que eu graças a Deus cuidei dos filhos, sofri como um fi de cachorro, mas eles me entenderam. Todos eles vão e me ajuda, todos eles, fala o que o senhor ta precisando, todos. To assim com pouco eles aparece, ligam, perguntam se eu tô precisando de alguma coisa. Graças a Deus não, a o que precisar eu tô aí, só é minha resposta. Só isso ser assim já é bom né, de eu não tá precisando dos meus filhos, porque quando o filho quer servir a nora não gosta. Agora fala (resmungo), eu sei que é assim. É ou, não é?

Ana Luiza: eu não sei.

Otávio: não, mas é filha, é, pode ter certeza. Por exemplo, num tempo não tinha a raça de lá, que é as mulher ali, não gosta de mim, porque eu sou isso, eu sou. Elas queria que eu fosse um pai assim, que, apoiasse tudo de errado, tudo que não presta, e eu não sou desse tipo. Que a A mara na mínima ´´e dessas, A mara não ser ruim, e eu, eu falei uma realidade aqui uma vez, aqui na cozinha, e ela jogou uma na minha cara aí que eu fiquei estarecido. O dia que, eu tinha 51 anos que não vi meus irmão.

Ana Luiza: uhum

Otávio: aí eu falei aqui em casa, agora eu posso ir na Bahia ver se encontro algum irmão vivo, que eu era um, era um descartado né. Ela me falou ainda mais, seu dinheiro vai jogar fora, na minha cara assim. D'ajuda partiu pra cima, D'ajuda queria dar porrada... na minha cozinha. Porque ela falou essa palavra, D'ajuda, ela invés de me incentivar, vai seu Otávio, vai lá vê se cê vê seus irmão, cê tá sozinho aqui sem eles. Mas ela não, ela já falou bosta, ai, ai eu virei, eu falei, não Mara eu vou porque eu acredito, e fui. Hoje vou lá todo ano.

Ana Luiza: deu tudo certo

Otávio: deu tudo certo, deu minhas irmãs ta lá no bico do urubu, veinha lá, vou lá abraçar elas, como agora vem mês de julho, se Deus me der o direito eu tola, com fé em Jesus Cristo, eu tô lá na Bahia. E, e já ouvi muitas coisas, conversas que não bate, né. Agora cada um, cada um tem sua, seu conhecimento. Cada um tem sua dúvida, às vezes eles pensam uma coisa que é outra, cada um pensa como quiser. E eu penso assim, que a união e família, é dinheiro na mão, eu penso assim. Família unida, família que procura ajudar o outro, cê tá necessitado, incentiva o outro. Fala, não, vai por esse caminho e pá... família né. Que tem família que é entrosada nas ideias, tem aquela entrosadamente uns, um que não sabe de nada, que é cego no caminho daquilo que o cara falou pra ele. A mãe já abençoa a cabecinha já, sabe que vou partir pra cima e pode dar certo, prova que todos meus filhos tem casa pra morar. Só não quem não foi na minha, prova. Prova

isso aí. Graças a Deus minha família tudo tem uma casa pra morar. Gão não, porque não entrou na minha, não quis me entender. Ele achava que eu tava falando pra tirar ele, não era pra tirar ele, era pra ajudar ele. Que eu dei muito conselho, o Nei levou ele pra lá, não ficou duas vezes, não ficou. Se deixar tava como valdir la dentro, ta lá a quantos anos, mas não quis, achou que a rua era melhor. Achou que trabalhar com o irmão não é bom, fazer o que. E é isso aí filha.

Ana Luiza: É isso aí, então?

Otávio: Então tá tudo certo.

Ana Luiza: Então tá tudo certo.

Otávio: cê não sabia, não sabia muito...

Ana Luiza: eu não sabia quase nada

Otávio: Cê não sabia quase nada que cê era uma criança.

Ana Luiza: é

Otávio: saber do meu passado, fia, até Aumi não sabe direito do meu passado.

Ana Luiza: eu queria, eu queria saber até mais vô, que o senhor não fala tudo.

Otávio: é não falo, porque eu não, tem coisa que eu, eu não posso falar.

Ana Luiza: ta, mas o que o senhor quiser falar, cê sabe que...

Otávio: eu já passei, passei muita situação e, e eu Deus sabe, mas eu tô aqui

Ana Luiza: mas ó

Otávio: mas eu tô aqui, nas graças de Deus, e o que eu tô dizendo, só tenho a agradecer por tudo na minha vida e pela família que eu tenho.

Ana Luiza: amém. A gente também é muito agradecido, viu, vô

Otávio: pela família que eu tenho, graças a Deus.

Ana Luiza: todos nós agradecemos.

Otávio: que nem todo mundo tem essa sorte...

Ana Luiza: uhum

Otávio: de ter uma família como eu tenho, que eu tenho certeza disso, eu tenho certeza disso, e... e Deus que de prosperidade pra vocês tudo, que os desejo, e que Deus sempre tá do seu lado.

Ana Luiza: uhum

Otávio: cê entendeu né?

Ana Luiza: entendi, vô

Otávio: e eu tô aqui, nas graças de Deus. E se precisar de mim, do veinho aqui, se precisar do veinho, o veinho ta aqui.

Ana Luiza: uhum, ta bom.

Otávio: ta bom, filha?

Ana Luiza: brigadão viu, vô

Otávio: brigado, você fia. Brigado você.

Ana Luiza: pronto

Otávio: esse papo, esse papo nosso que falou aqui, pra mim é um prêmio.

Ana Luiza: Pra mim é mais viu.

Otávio: Você tá me dando um prêmio, me oferecendo...

Ana Luiza: pra mim é muito mais que um prêmio, viu vô, porque você sabe né que eu, o Thiago...

Otávio: você não sabia de nada.

Ana Luiza: A gente sabe muito pouco, porque eu e o Thiago, a gente tá fazendo uma pesquisa dessa família, porque ó, é muita gente que num tem, que nunca falou.

Otávio: é, eu sei

Ana Luiza: É muita gente que viveu muita coisa e não diz.

Otávio: tem vontade de, até falar, mas não fala.

Ana Luiza: A gente não tem espaço pra perguntar, pra conversar, por exemplo a vó. A minha conversa com ela foi bem curtinha porque ela não, ela acha que as coisas dela não precisam ser faladas. E precisa, toda história tem que ser falada.

Otávio: é claro, isso é, não prejudica ninguém. Se ela tá falando a realidade, a gente não pode é mentir. Falar mentira, coisa que, eu acho que não.

Ana Luiza: eu, por mim, eu pegaria a história, faria isso que eu fiz com o senhor com todo mundo dessa família, é o meu sonho. Poder juntar todas as histórias de todo mundo...

Otávio: E é tão bom isso aí.